

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA OCUPACIONAL

2011

Diogo Batista Pereira da Silva

Psicólogo formado pela UNISUL no ano de 2012.
Atualmente atuando como palestrante e desenvolvedor estratégico (Brasil)

Email:

diogobatista.p@gmail.com

RESUMO

Optar por uma profissão é necessário dentro o nosso âmbito social, durante toda a nossa vida temos de realizar uma série de escolhas durante cada dia de nossa vida, algumas dessas escolhas podem ser pequenas e simples, outras maiores e mais complexas. A todo o momento estamos fazendo escolhas optando pelo que fazer, dessa forma é muito comum que os pais, os professores, outras pessoas influenciem as crianças desde muito cedo a escolha de uma profissão, com a intenção de que quando esta criança se tornar-se um jovem saiba realizar escolhas como, por exemplo: onde vai estudar o que vai estudar qual o objetivo de estudar. Podemos dizer que somos produto de nossas escolhas.

Apesar de termos muitas decisões para realizar no decorrer de nossa vida, muitas delas não acarretarão em grandes conseqüências, por outro lado existem aquelas que implicam em enormes obstáculos, se forem realizadas de maneira errônea, uma dessas é a opção profissional. Ela é muito importante por que irá afetar, praticamente, toda a vivência do indivíduo, o tipo de atividade que irá desempenhar seu padrão social e estilo de vida etc. Assim sendo é comum o jovem ficar preocupado e ser pressionado por seus pais, amigos, professores entre outros sobre a futura profissão deixando o jovem com varias duvidas e medos. Um desses medos é de não saber o que fazer, duvida sobre o que é capaz de realizar, se terá sucesso na carreira escolhida.

Palavras-chave: Orientação Profissional, mercado de trabalho, adolescentes

1. INTRODUÇÃO

Meu objetivo ao pesquisar a importância da escolha profissional tem como visibilidade o ingresso dos recém formados ao mercado de trabalho tendo a definição de trabalho segundo ROSAS (1980, p. 89).

Em LATIM, <<trepaium>> quer dizer instrumento de tortura. Pois etimologicamente de <<trepalium>> é que se originou trabalho é que se originou *trabalho*. Seria o trabalho um instrumento de tortura? Era mais ou menos assim que se pensava em Roma. E, como pensava, agiam, escravizando os vencidos. Não só os de Roma. Séculos após séculos, e a História contando como é impossível utilizar o trabalho como excelentes instrumento de tortura.

Este artigo tem como objetivo ser útil a todos que queiram decidir qual o rumo a tomar em sua vida profissional e quais metas traçassem para não se tornarem profissionais frustrados com sua profissão futuramente.

Tentando colaborar com os jovens profissionais que estão ingressando em nosso instável mercado de trabalho tento com esse curto texto descrever as futuras e prováveis dificuldades que estão a encontrar, assim como desmistificar a importância da escolha ocupacional tão rigorosamente e cobrada pelos pais e a sociedade em geral.

2. A IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DA OCUPAÇÃO

A ideia de que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão a partir das condições sociais em que vive e em função de suas habilidades, aptidões, interesses e dons (vocação) não é uma idéia que sempre existiu. É algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista que possibilitou o poder de escolha a o jovem, dessa forma quebrando regras e abdicando de seus direitos no meio social em que vive.

A escolha de uma profissão não é fácil, nos dias atuais, são muitos caminhos que podem ser seguidos, vários trabalhos que podem ser exercidos, tendo como objetivo a integração do sujeito no meio social. O orientador profissional muitas vezes encontra dificuldades de caracterizar a vocação do sujeito sendo forçado a utilizar o subsidio de testes psicrométricos para

fornecer informações sobre os indivíduos em especificamente suas aptidões e interesses que segundo GARATTONI, COSTA (2009) compõe a vocação.

Ainda segundo os autores acima citados:

“A vocação é formada por dois elementos: aptidão que uma pessoa tem para fazer determinada coisa e o interesse que ela sente por aquilo. O interesse vem de fora, ou seja, é influenciado pelas experiências individuais e pelo ambiente em que cada pessoa vive”.

Para existir a vocação sabemos então que deve existir os dois princípios básicos aptidão e interesse sendo a aptidão segundo Bueno (1996 p. 66) a “qualidade do que é apto; capacidade; habilidade; disposição”. E o interesse por determinado assunto que para Bueno (1996 p.370) é caracterizado como “ lucro; proveito; vantagem; empenho; simpatia”. Dessa forma podemos dizer que se não houver ambos não haverá vocação.

Vivemos em uma sociedade onde o papel do sujeito na sociedade é definido pela sua escolha profissional por este motivo é caracterizado de suma importância o papel desempenhado pelo orientador profissional.

Se pararmos para pensar a respeito da escolha profissional e o papel que ela vai exercer sobre a vida de um determinado sujeito perceberemos que cada vez mais a opção vocacional é estimulada de forma, mas precoce. Nos dias atuais ela esta ligada diretamente a passagem da juventude para a adolescência sendo esta faixa etária uma das fases mais conflituosas para o adolescente, mesmo sabendo que a escolha profissional se estende até o fim da idade adulta as escolhas tomadas na adolescência pré determinarão o possível sujeito social, aquele que a sociedade acolhera.

3. A INSEGURANÇA PERANTE A ESCOLHA PROFISSIONAL

Nesta etapa da vida do sujeito denominada de puberdade que segundo BUENO (1996) p. 538 “idade em que os indivíduos se tornam aptos para a procriação; estado ou qualidade de púbere [...]” além de passar por uma série de mudanças psíquica, orgânica, fisiológica e sociológica deixando o jovem um tanto quanto inseguro ele é forçado, pela sociedade *entendendo sociedade como todos em sua volta principalmente pais e professores* a escolher um caminho, uma profissão que culturalmente a rotula talvez para o resto de sua vida como por exemplo: o professor, o engenheiro, o médico, o pedreiro e o faxineiro. Ao fazer essa escolha o sujeito estará abdicando de seu nome, sobrenome, classe social e aderindo a um novo rótulo como os exemplos

citados anteriormente, o sujeito deixará de ser o jovem X. para passar a ser o faxineiro(a), o professor(a) títulos que em muitas vezes acabam fazendo com que a pessoa perca sua identidade, seu nome.

Além deste motivo a muitos outros que fazem o adolescente ficar inseguro com relação a escolha profissional, podemos citar como exemplo os interesses por trás da escolha da profissão, ambições distintas, sede de saber conhecer tudo um pouco, tudo isso faz com que o jovem mude constantemente de decisão com relação a carreira, curso universitário entre outras escolhas que influem no seu futuro.

Outro fator que vem a interferir e deixar o jovem confuso com relação a sua escolha profissional é os estímulos externos, aparecendo novamente aqui a influência primaria dos pais e logo a da sociedade.

Segundo (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 408). “A idéia de que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão a partir das condições sociais em que vive e em função de suas habilidades, aptidões, interesses e dons (vocação) não é uma idéia que sempre existiu.”

A autora acima diz que esse poder de escolha se sucedeu após a instalação do capitalismo antes os familiares é quem decidiam que carreira seu filho deveria seguir.

Antes do capitalismo, o indivíduo tinha sua ocupação determinada pelos laços de sangue, sua ocupação vinha de berço. Os servos teriam seus filhos e netos sempre servos; os senhores seriam sempre senhores.

No capitalismo, o indivíduo liberta-se dos laços de sangue. Agora, ele precisa vender sua força de trabalho para sobreviver. Nada mais é determinado “naturalmente”.

No capitalismo, o indivíduo “pode tudo”. O filho do operário não será obrigatoriamente operário. Pode até ser doutor, desde que se esforce, estude, trabalhe e lute. Tudo depende dele. Seu destino está nas suas mãos, como nos faz crer a ideologia do capitalismo.

E, então, é neste momento que a escolha da profissão se coloca como questão. Se tudo está nas mãos do indivíduo, o momento de sua escolha profissional torna-se de suma importância. Teorias, técnicas, idéias passam a ser desenvolvidas para facilitar esse momento decisivo. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 409).

Podemos comparar o período pré-capitalismo a escravidão onde os filhos de escravos iriam ser escravos. Porém com o surgimento do capitalismo disponibilizamos varias escolhas a os jovens porem entre tantas opções qual será a certa? Com o direito de decidir o seu futuro, sua profissão, o jovem fica estagnado mediante as tantas escolhas, sem saber o que fazer e que caminho seguir ele ariscara uma opção, que talvez não faça menor idéia, sobre o que se trabalha nesta área escolhida, a esse respeito WHITAKER (2000 p. 36) diz:

O mais doloroso, porem, é que, mesmo para a grande maioria, preocupada com o mercado de trabalho, a desinformação é a regra. Os jovens não conhecem o conteúdo verdadeiro das profissões que almejam, e muitas vezes são empurrados para elas por forças externas que mal saberiam diagnosticar.

Caso a escolha errada ocorra dentro de um ambiente acadêmico acredito eu, que provavelmente o jovem acadêmico se tornara um profissional frustrado em sua carreira ou voltara a o inicio onde se vê diante das opções que lhe são ofertadas entre elas as seguintes perguntas: Será que devo me ariscar novamente ou devo dar continuidade ao serviço de meu pai, uma vez que já está meio caminho andado, é mais pratico, e é mais garantido que eu venha a ser bem sucedido, será verdade isso?

Hoje com o nosso meio social capitalista temos limitações aquisitivas e financeiras porem podemos optar qual carreira queremos seguir, por qual caminho trilharemos ao longo do percurso de nossa vida.

3.1 O MOMENTO DA DECISÃO

É importante que o sujeito tenha um interesse pela área escolhida porem mesmo tendo familiaridade com o emprego, trabalho ou curso de capacitação escolhido o jovem ainda se sente atormentado com o medo do erro, a esse respeito Bock, Furtado, Teixeira (1999, p. 310) dizem que “não podemos considerar que o futuro de uma pessoa dependa exclusiva ou principalmente de sua opção profissional e, tampouco, que a escolha de uma profissão não possa ser, a qualquer momento, alterada” dessa formas não devemos temer nossas escolhas uma vez que elas, podem ser alteradas com o passar do tempo. O medo de errar faz com que as pessoas façam escolhas precipitadas, essas por sua vez acabam por fazer o jovem se frustrar ao descobrir que o emprego ou curso universitário a principio escolhido não é como o imaginado por isso é importante o amparo do orientador profissional que tem como papel avaliar e examinar suas capacidades tendo assim um relato das atividades profissionais que provavelmente você ira ter uma ampla possibilidade de obter sucesso profissional, mais isso não impede que o sujeito agregue em sua escolha profissional opinião de seus amigos, familiares, professores não esquecendo que a escolha final embora dificultosa tenha de ser feita pelo mesmo.

4. PARA QUE FAZER A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL?

Mesmo aquelas pessoas que estão convictas de sua escolha profissional um orientador é indicado para organizar um planeamento voltado a escolha que o sujeito fez. A orientação profissional e o planeamento de carreira são de suma importância para o orientado.

A escolha de uma profissão, não deve ser apressada ou pressionada para ser resumida em um dia ou dois a escolha da mesma precisa ser pensada com calma, pensando o que buscam na profissão e até onde pretendem chegar com esta ocupação. Quanto mais cedo for a orientação profissional mais chances o jovem tem de se especializar e confirmar sua vocação atuando em estágios na área se estiver na idade permitida pelo E.C.A. Segundo o estatuto da criança e adolescente, p.18 “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz”.

Certamente se o adolescente tiver a oportunidade de realizar um exame vocacional, haverá maiores possibilidades de uma decisão coerente sobre o campo de atuação.

Por outro lado há aqueles adolescentes que não fazem a mínima idéia de onde estudar o que estudar e se vão estudar. Hoje segundo SANTOS (1980 p. 11):

O imenso campo de trabalho, de estudos, de recreação e de lazer, existentes na vida moderna criou, para o homem e, sobretudo para os adolescentes, um grande numero de problemas que são, sobretudo, de escolha e de ajustamento a novas situações. Começa-se com a escolha de escolas e cursos, profissões, amigos de esposo ou de esposa e termina-se termina com a escolha do que fazer no últimos anos de vida, na esperança de que uma aposentadoria nos encontre em plena vitalidade. Evidentemente, não seria este o quadro de uma sociedade de séculos passados meados para o individuo, desde o nascimento. O avançada ciência e o progresso generalizado acrianças novas oportunidades estas deram origem a um crescente numero de escolhas e novos ajustamentos.

Ainda segundo o autor (1980 p.15)

Uma das melhores definições de orientação surgidas nos Estados unidos, é dada pelo ‘Ocupacional’ information and Guidance Service of the U.S. Office off Educatin’ e que estabelece ser a orientação ‘o processo de fazer o individuo descobrir e usar seus dotes naturais, e tomar ciência das fontes de treinamento disponíveis, de modo que possa viver de modo a tirar o máximo proveito para si próprio e para a sociedade’.

4.1 QUAL A MINHA VOCAÇÃO?

Antes de decidir qual área de atuação pretende exercer o jovem precisa saber qual a sua vocação termo que Bueno (1996) denomina como a “tendência ou inclinação; talento”. Sendo assim o sujeito precisa saber qual é a sua tendência que segundo Bueno (1996) é a “inclinação; propensão; vocação; força que determina o movimento de um corpo; intenção; disposição.

Segundo Rosas (1980, p. 176) A vocação foi aqui compreendida como sendo a imperiosa atração que as pessoas sentem para se dedicarem a uma atividade profissional determinada. Portanto, atração «natural», que deve ser fundamentada realisticamente sobre condições pessoais básicas. Nada de chamamento mágico ou sobrenatural. Nada de elaborar sonhos irrealistas, alimentar nível de aspirações profissionais desproporcional às possibilidades intelectuais e às características biotipológicas individuais. Para ser sua vocação motivo verdadeiramente capaz de impulsionar sua atividade profissional de modo realizador, quer no plano individual, quer no social, é indispensável antes de tudo que você tenha identificado nela oportunidades de dar expansão a suas aptidões e capacidades.

Sabendo disso o sujeito terá a oportunidade de conhecer quais as profissões que podem ser ocupadas pelo mesmo sem supostas dificuldades, mas para isso devemos saber a princípio quais são os seus objetivos e metas profissionais entendendo *metas profissionais* como suas limitações e ilimitações para alcançar seu objetivo proposto a princípio.

5. A ESCOLHA PROFISSIONAL

A escolha profissional é um grande passo na vida de uma pessoa, pois é essa opção que caracteriza no ambiente cultural. Apesar de ser uma difícil essa escolha ela é possível de ser realizada com êxito, com o acompanhamento de um orientador profissional que como já mensurado nos parágrafos acima tem uma grande importância para a formação de uma carreira promissora e bem sucedida.

“Será mesmo a escolha profissional o momento mais importante na vida de um jovem? Será a escolha de uma profissão a escolha mais importante que um indivíduo faz em sua vida?” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 309). A escolha profissional pode não ser o momento mais importante na vida do jovem porém na visão social é considerado tau como.

Os autores acima citados trazem ainda consigo a visão de uma sociedade interpretada por mim como individualista e mediluce a ponto de impor critérios para a aceitação em seu meio social.

Sabemos que, depois de uma certa idade (e esta idade varia de acordo com as classes sociais), teremos de trabalhar para sobreviver, e ninguém neste mundo gostaria de passar o resto de sua vida dedicando energias a alguma tarefa que lhe desagrade. Assim, a escolha de uma ocupação ou de uma profissão torna-se muito importante para o jovem.

Além disso, nossa sociedade e sua ideologia responsabilizam o indivíduo por suas escolhas, camuflando todas as influências sociais determinantes de sua opção. Fica assim sobre os ombros do jovem a responsabilidade de, considerando todas as condições, seus interesses e possibilidades, realizar sua escolha profissional. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 309-310)

5.1 INTERESSES E APTIDÕES

O jovem demonstra se interessado em varias áreas de atuação sendo este estimulado desde cedo pelos professores que instigam e aguçam seu interesse por algumas matérias em específico, porem nesta etapa isso só serviu para deixá-lo mais confuso sobre qual caminho seguir, voltamos então a falar da importância do profissional que o orientara durante a escolha profissional. A principio seria interessante trabalhar em cima das profissões que o sujeito conhece e se demonstra interessado porem para isso necessitaríamos que o mesmo descrevesse os ramos pelo qual se interessa desta forma poderíamos verificar se o seu campo de interesse esta desfocado ou limitado a uma área em específico. Após a descrição das áreas interessadas seria interessante pedir para que o mesmo numerasse de acordo com o seu interesse as profissões que acharia que se daria melhor ex: 1 para cientista, 2 para biólogo, 3 para matemático, 4 para físico e assim sucessivamente sempre lembrando que a numeração equivale as profissões que tem mais afinidade, dessas demonstradas acima por exemplo diria que o sujeito tem mais afinidade com a ciência logo com a biologia depois com a matemática e assim por adiante. Após a seleção e a pré indicação feita pelo sujeito se focaríamos nas vocações que foram numeradas a principio sendo essas de 1 a 6 tendo essas somente por exemplo e trabalharíamos sobre elas verificando qual seria a possibilidade do sujeito esta atuando em uma delas.

5.2 A REMUNERAÇÃO COMO BASE ESTIMULANTE

Uma boa remuneração é o que grande parte dos trabalhadores tem em vista, geralmente esse é um dos fatores que faz com que muitas pessoas escolham um determinado campo de

atuação cujo o qual não se satisfazem. O salário é um dos grandes motivadores ao trabalho e a escolha profissional. Assim como a possibilidade de crescer dentro do campo de atuação em casos de trabalhadores de empresas entre outros, idealizando que o crescimento ou a promoção de cargo terá um aumento de salário.

A remuneração é o que motiva muitos trabalhadores frustrados em suas escolhas profissionais a continuarem trabalhando mesmo não se identificando com a profissão.

Porem um emprego que ofereça um grau de rentabilidade grade é geralmente muito visado pela sociedade em geral desta forma se tornando muito competitivo o acesso a ele. Porem isso não deve ser encarado como algo desmotivador uma vez que o mercado de trabalho é instável, a profissão em alta hoje ao inicio da faculdade pode correr o risco de ser desvalorizada ou abolida futuramente. Um exemplo desse tipo de profissão ressentida é o jornalista que a alguns anos atrás era necessário ter nível superior para a inserção do profissional no mercado de trabalho que era altamente competitivo e bem remunerado porem nos dias atuais qualquer pessoa pode exercer essa função sem ter no nível superior, esse é apenas um exemplo real da instabilidade e da fragilidade do mercado de trabalho.

Tentem imaginar como se sentem os jornalistas que há inicio fizeram aproximadamente cinco anos de faculdade para exercer sua função e hoje dividem o âmbito trabalhista com pessoas que não necessitam fazer um curso universitário, não menosprezando as vocações das pessoas que atuam nesta área sem o curso superior logicamente.

5.3 EM BUSCA DE ESTABILIDADE PROFISSIONAL

Hoje a escolha profissional deve ser um ato bem planejado, e altamente consciente uma vez que as profissões de hoje podem não ser as mesmas de amanhã, podemos entrar em um curso de capacitação tendo em mente que estamos fazendo a escolha certa, pois no presente momento a atividade profissional direcionada a essa área é altamente rentável e abrangente, porem não podemos esquecer o citado acima com o curso de jornalismo e com vários outros, WHITAKER (2000 p. 53) a esse respeito diz:

Conforme já vimos, o mercado de trabalho é uma “entidade” sujeita a inúmeras e variáveis determinações. Em função disso, apresenta-se fluido e dinâmico. Nada mais enganoso do que permanecer durante quatro, cinco ou seis anos na universidade e, o sair de lá, esperar encontrar as mesmas condições no mercado de trabalho. Nunca é de mais, portanto chamar a atenção para a falácia de se procurar ajustar a universidade ao mercado de trabalho. Muito mais legítimo seria adequá-lo à universidade, no sentido de que as pesquisas realizadas por essa instituição pudessem mostrar os caminhos mais adequados a uma verdadeira aplicação das profissões na direção do bem comum.

Um exemplo citado pelo autor em sua obra literária é a assinatura do acordo nuclear no Brasil que trouxe consigo um enfoque do mercado de trabalho a física nuclear na metade da década de 70.

Em 1975, quando o Brasil assinou o famigerado acordo nuclear com a Alemanha, os adolescentes que faziam o curso colegial desandaram a falar em cursar Física Nuclear, numa completa desinformação do que seja a graduação em Física. Aquela época, pensava-se, talvez, num imenso litoral povoado com gigantescos reatores, onde os físicos (todos “nucleares”) teriam apenas que bater à para conseguir emprego. Não imaginavam os problemas ecológicos resultantes nem percebiam que o tal acordo visava nos empurrar a sucata e o lixo atômico que a maior consciência ecológica do povo alemão recusava. Após todos os fiascos do nosso reator e o avanço da consciência ecológica no Brasil, a situação está relativamente desmistificada. (WHITAKER, 2000, p. 46)

Porem o que aconteceu com aqueles adolescentes que ingressavam em massa nas universidades com a expectativa de grandes cúpulas nucleares em nosso país onde sonhavam trabalhar e enriquecer na vida conseguindo uma excelente estabilidade financeira. Provavelmente se frustraram em sua escolha profissional se o objetivo de suas escolhas era alcançar a estabilidade profissional. O autor acima citado traz outros exemplos dessa instabilidade apontada pelo mercado de trabalho.

A engenharia, hoje uma profissão com alguns ramos em queda na bolsa dos vestibulares, já foi o sonho dourado dos pais desavisados, e muitos jovens humanistas promissores sacrificaram seu interesse pela história, pela política ou pela filosofia no altar das aspirações familiares. E o que dizer da febre inicial pelos cursos de Administração de Empresas, seguida da febre pelos cursos de comunicações? (WHITAKER, 2000, p. 46)

Assim como os cursos trazidos pelo autor acima ainda hoje ainda acontecem muitas escolhas equivocadas, sem vocação apenas visando a rentabilidade imediata atendendo os interesses momentâneos dos jovens. Porem essas escolhas dificilmente supre aquelas que por motivos econômicos ou pessoais não foram concretizadas, sendo desta forma prejudicial ao indivíduo lhe causando frustração, recalques e, sobretudo, insegurança e falta de confiança em si próprio fato que provavelmente aconteceu a os professores de história e geografia na década de 70.

Após a reforma do ensino de 1971, muitos jovens abandonaram as pretensões de cursar História ou Geografia para cursar Estudos Sociais, trocando a sólida formação dada naqueles cursos tradicionais (nas boas escolas superiores) por uma licenciatura curta, de fácil consumo, em escolas-empresas organizadas apenas para a obtenção de lucro. E,

quando a História e a Geografia reconquistaram os milhares de professores de Estudos Sociais que nem sequer tiveram oportunidade de prestar concurso de ingresso ao magistério público? Tiveram que desenvolver desesperadas estratégias de sobrevivência para permanência no sistema. (WHITAKER, 2000 p.46)

6. A CONSOLIDAÇÃO DO AMBIENTE PROFISSIONAL

Um atributo necessário para o bom desenvolvimento de uma determinada profissão é o prazer em executá-la que só é possível ter quando há um gozo pelo o que faz. Gozo que segundo (BUENO, 1996, p. 328). é o “ato de gozar; gosto; utilidade; satisfação; [...]”. Isso quer dizer o sujeito tem de gostar do que faz se sentir realizado uma vez que sua aptidão e seu interesse estejam focados naquela profissão assim desempenhando sua vocação. O interesse na área de atuação vem de fora, ou seja, é moldado pelas experiências vividas do sujeito assim como pelo ambiente que o mesmo convive. Só desempenhamos bem aquelas atividades que nos fazem bem e só nos faz bem as atividades para qual temos vocação.

Este subtítulo permite-nos apontar um aspecto trazido por WHITAKER (2000 p. 53) em seu livro que seria a visão romancista das profissões:

Há profissões rodeadas de charme. É o caso do médico: alto, bonito, rico e poderoso, qual sacerdote privilegiado, desempenhando seus rituais em suaves consultórios refrigerados. E, no entanto, o médico sempre teve uma vida extremamente sacrificada em termos de horário e dedicação aos doentes. Hoje é, cada vez mais, um colecionador de empregos. E a suavidade e beleza do uniforme branco das enfermeiras, com seus sapatos macios, deslizando na penumbra dos corredores, levantando consolo e carinho aos enfermos? E então, só por que a menininha é doce, terna e carinhosa resolve ser enfermeira das pesadas tarefas envolvidas por essa profissão. Haverá algo mais pesado do que um hospital, onde se desenrolam cenas de doença, morte e tristeza?

Claro nenhuma profissão perderá seus aspectos românticos para aqueles que se imaginam representando tais papéis.

Em todas as profissões existem ganhos e perdas, algumas profissões que supostamente eram para ser bem remuneradas que é o caso acima citado do médico que por fim acaba perdendo sua liberdade por indefinições de horários, assim como a enfermeira que por sua vez acaba vendo horrores dentro dos hospitais assim como também vê coisas belas, conceito muito subjetivo porem necessário quando se tratamos de nossas profissões, pois o que é bom e agradável para mim pode ser terrível e doloroso para você.

6.1 TRADIÇÃO DE FAMÍLIA

O jovem muitas vezes acaba se frustrado, em sua escolha profissional, pois opta por não escolher o que gosta de fazer, ou seja, o que tem vocação para realizar, para aderir a os sonhos dos pais que vêm em seus filhos uma chance de se auto realizar, projetando neles o que gostariam de ter sido, porem não foram, talvez pelo mesmo motivo. As revivências de desejos até então recalcados acabam por se tornar um ciclo viciante onde ninguém faz o que quer, e sim o que os outros querem que o faça.

WHITAKER (2000 p. 54) fala sobre o tema quando afirma:

As influencias familiares são poderosas na definição da carreira pelos jovens. Podem se manifestar abertamente, o que é cada vez mais raro, uma vez que os pais estão alertados por um certo “psicologismo” que atravessa cada vez mais as camadas médias da sociedade industrial. Enquanto rareiam tais pressões abertas, as famílias vão aperfeiçoando métodos mais sutis de influenciar seus pimpolhos, através de uma certa sugestão social, carregada de mensagens subliminares que caem no inconsciente e contra as quais não há como se defender. Assim a valorização (ou desvalorização) sutil de certas profissões ou as afirmações de que, desde pequenina, por exemplo, a filha manifestou tendência para a medicina porque arrancava os braços das bonecas ou furava-lhes os olhos para ver como eram, já faz parte do folclore de certas famílias que explicam a profissão dos filhos como algo baseado na mais perfeita e completa idéia de vocação como “chamado místico” (conceito este totalmente superado pela moderna psicologia). Há também o caso do menino que desmontava todos os brinquedos ou construía lindos edificios com seus joguinhos de armar e que por isso, estaria manifestando irresistível vocação para a engenharia — mecânica ou civil, respectivamente. Ou o caso da criança contestadora, que argumentava com rebeldia, e que deveria ser advogada ou orientar-se para a carreira política. O que pais nem sempre percebem é que todas as crianças, quando deixadas à vontade, arrancam pedaços de bonecas ou furam-lhes os olhos (ah! A irresistível tentação de enfiar os dedinhos naqueles olhos brilhantes que vivem a pestanejar). Desmontar brinquedos, de qualquer espécie, é um notável e excitante exercício de inteligência para toda criança, mas faz parte da ‘domesticação’ ensiná-las a não destruir tudo o que encontram, bem como não contestar os mais velhos.

O que os pais não se dão conta é que estão colocando sobre seus filhos até então uma bagagem de anos, isso quer dizer uma pressão imensa sobre eles, além de terem a obrigação de passarem no vestibular para um curso superior que nem ao mesmo foram eles que escolheram, em sua grande maioria terão de ser bem sucedidos, para seus pais olharem para eles e se sentirem totalmente realizados, não exatamente por seus filhos estarem felizes, mas sim inconscientemente

por se verem neles. Os pais em sua grande maioria projetando em seus filhos suas vivências e desejos passados até então recalçados, WHITAKER (2000 p. 55) a esse respeito diz:

[...] tais explicações paternas, para a escolha de uma profissão pelos filhos, podem estar obscurecendo o fato de que, inconscientemente, na maioria das vezes, o pai (ou a mãe) empurrou o filho na direção da profissão que ele mesmo desejou um dia. Assim, para o pai que um dia sonhou ser médico mais não conseguiu, a entrada de um filho numa dessas carreiras poderá ser a suprema realização.

A não escolha do curso profissional pelo adolescente não é algo novo, assim como o desânimo e a frustração profissional, que acabam sendo demonstradas por parte do jovem a respeito da carreira escolhida. Porém essa frustração muitas vezes é superada com o nascimento de um filho(a), sobrinho(a) ou a quem ele possa se projetar, de maneira a poder inconscientemente se realizar, refazendo dessa forma o que seu pai ou mãe fizeram com o mesmo, sem ao menos se dar conta que simplesmente estavam satisfazendo a sua própria libido, ao predeterminar em qual escola seu filho, entre outros como já citado acima freqüentará o que irá estudar.

Isso faz com que as qualidades e aptidões da criança a princípio fiquem recalçadas até a fase adulta quando em um insight ela descobre foi modelada por seus pais e parentes para se tornar o que é hoje, WHITAKER (2000 p. 62) fala a esse respeito ao “destacar, no entanto, que algumas dessas ‘qualidades’ podem estar sufocadas, pressionadas, ou até mesmo podem estar sendo produzidas pelas circunstâncias[...].” que neste caso seriam o ambiente que o indivíduo convive.

7. ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Em nosso país existe um grande problema com relação a escolha profissional, WHITAKER (2000 p. 65) aponta como sendo um desses problemas a falta de conhecimento ao redor da profissão desejada assim como a maquiagem que a envolve.

O grande problema aqui é que as profissões, conforme já foi demonstrado, são estereotipadas, quando não, caricaturadas: a enfermeira ‘boazinha’, o médico ‘sacerdote’, o sociólogo ‘subversivo’ e o psiquiatra ‘louco’ já fazem parte do folclore das profissões e compõem imagens que, inadvertidamente, contribuímos todos a perpetuar. (WHITAKER, 2000 p.65)

Existem, em nosso país, instituições que se encarregam de dar, aos que delas solicitam, orientação de que necessitam. Examinam psicologicamente o indivíduo e apontam-lhe os setores de estudo e de atividade mais adequados. Também nessas instituições se encontram informações a respeito das ocupações e profissões, em geral, e principalmente das aconselhadas.

7.1 FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL

A frustração profissional pode vir a ocorrer por diversos fatores, alguns deles já expostos no texto acima como os pais, professores a sociedade em geral, podem ser de grande contribuição para a instabilidade do sujeito em um determinado curso universitário ou emprego assim como o ego da própria pessoa. A esse respeito SANTOS (1980 p. 157) traz:

A instabilidade do indivíduo no emprego, a possibilidade de ocorrência de fadiga psicológica, sentimento de desvalorização pessoal e outras situações, seriam ocorrências possíveis nos indivíduos com conhecimentos ou aptidões muito superiores as exigências do trabalho em questão.

Com a fala de santo podemos perceber o quanto o sentimento de desvalorização pessoal entre outros abalam o psiquismo de uma pessoa a ponto de a mesma desistir de empregos mesmo necessitando desse em função da sensação de desmerecimento.

8. CONCLUSÃO

Podemos finalizar afirmando com veemência que a escolha profissional é muito importante para o sujeito uma vez que ira implicar em todo o seu contexto social, posso até ariscar a escrever que a profissão que o sujeito escolher mesmo sendo ela a mais discreta ou a mais espalhafatosa será como o mesmo ira se apresentar na sociedade, afirmo então que o emprego que o sujeito escolher ou curso de capacitação a realizar entre tantas outras coisas mais irá implicar de forma direta na constituição do sujeito bem como a sua identidade social.

Em pleno século XXI estamos a vivenciar um pré-conceito muito cristalizado onde prevalece a essência de alguns provérbios que simplesmente foram reajustados a esta nova sociedade, o que antes se dizia “diga-me com quem andas que eu te direi quem és” hoje se fala: “diga-me onde trabalhas que eu te direi quem és”...

Com o passar dos anos alguns fatores sociais não se alteraram tais como o objetivo pelo qual há o interesse pela carreira, que a principio pode ser subdividido em três categorias, a

escolha pelo lucro capital, logo vem à escolha dos pais que pretendem viver seus sonhos através de seus filhos, deixando-os muitas vezes frustrados com a escolha profissional e os leva a reproduzir a atitude que antes eram de seus pais em seus próprios filhos com a esperança de se auto satisfazer através deles em um constante ciclo. E por ultimo a escolha “consciente” eu quero, eu gosto eu vou fazer, ou seja, o sujeito vai estar atuando naquilo que ele tem vocação, e uma vez que o individuo já tenha a habilidade (vocação) para fazer determinado serviço, basta o mesmo se aperfeiçoar para exercer com mais qualidade o serviço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK; FURTADO; TEIXEIRA. **Psicologias uma introdução ao estudo da psicologia**. Editora Saraiva, ed. 13, 2001.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1995. 18pBrasil

BUENO, Silveira. **Mini dicionário da língua portuguesa**. Petrópolis: EDITORA FTD S.A, 1996.

GARATTONI, Bruno; COSTA, Camila. Vocação. *Super Interessante*, p. 66 – 69, fev. 2009.

ROSAS, Paulo. **Vocação e profissão**. Petrópolis: VOZES Editora, 1980.

SANTOS, Oswaldo de Barros. **Orientação e seleção profissional**, 8ª Ed. Livraria Pioneira Editora São Paulo, 1980

WHITAKER, Dulce. **Escolha da carreira e globalização**. São Paulo: E.P.U Editora, 1991.